



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

PERIPÉCIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

Por ISABEL ARECSA



Quando lá chegou, o doutor não estava e recebeu-o a esposa D. Felisberta.

Tobias-filósofo achou de seu dever, depois de a cumprimentar, informar-se da sua saúde.

D. Felisberta, em começando a falar das suas doenças, era uma torneira aberta de queixas e lamentações. Tobias-filósofo ouvia, muito distraído Percebia-se que aquele estendal de lamúrias não o interessava nada. Abruptamente, cortou-lhe a palavra.

— «E a D. Felisberta tem o estômago limpo?»

— «Ai tenho, tenho... com isso tenho eu todo o cuidado.»

— «Hum! Não me parece. Naturalmente o que a D. Felisberta tem é o estômago sujo...»

— «Não tenho, não, senhor Tobias, posso afixar-lho.»

— «Ora deixe ver se tem a língua branca.»

D. Felisberta deitou logo a língua

TOBIAS-FILÓSOFO é uma inteligência; é a sabedoria em pessoa... mas é também o homem mais distraído deste mundo.

Uma vez quis escrever uma carta mas, á última hora, lembrou-se que não tinha papel. Saiu para comprar o papel mas lembrou-se, depois, que lhe faltava o selo. Comprou o selo mas lembrou-se, ainda, que não tinha onde o molhar.

Humedecer a estampilha na boca é anti-higiénico e o nosso sábio bem o sabia. Ficou a olhar para a carta sem saber o que fazer. Deitou um olhar angustiado em volta de si e, de repente, caiu com o olhar na porta da casa do seu médico.

Tobias-filósofo nunca mais pode esquecer aquela partida que o doutor lhe fizera há tempos, deixando-o no meio da rua de língua de fóra e olhos fechados. Sim, porque, quando abriu os olhos, estava á sua volta uma multidão que se regalara de rir e ele tinha feito uma triste figura. Por isso resolveu-se a tirar a desforra e encaminhou-se para casa do médico.



ARCINHO

32

A ILUSÃO da ERVILHA

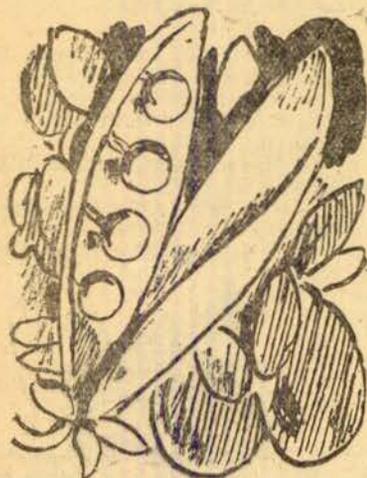
Por LAURA CHAYES

Uma ervilha do ervilhal
que nascera num canteiro,
vivia neste ideal:
ser uma ervilha de cheiro.

Inda estava ao pé da mãe
e já dizia aos bichinhos:
— Vejam como eu cheiro bem!..
Venham cá meus amiguinhos...

E tinha fúrias nervosas,
e chamava-lhes patetas,
quando via sobre as rosas,
adejarem borboletas.

— É onde pode chegar!..
gritava, com azedume.
— Como é que podem trocar
por tal cheiro, o meu perfume?



E não percebo porquê,
porque gostam dessas parvas,
se até de longe se vê
que elas são filhas de larvas!

As ervilhas, por desgraça,
Um dia foram colhidas.
Levaram-nas para a Praça
Para ali serem vendidas.

A ervilha, fóra de si,
berrava: — Mas que injustiça!
Que estou eu fazendo aqui
metida nesta hortaliça?

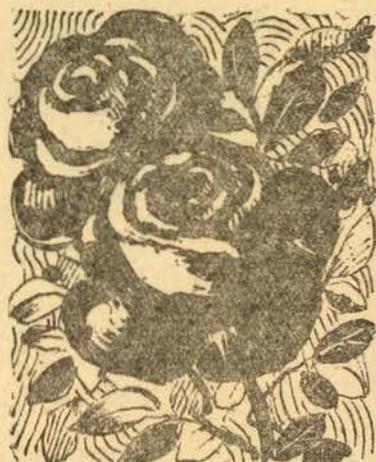
O meu cheiro que realça
no meio das próprias flores,
assim misturado à salsa,
é um insulto dos maiores!

Depois de zangas insanas,
uma criada comprou
essa ervilha e mais as manas
que num pronto refogou.

E a tal ervilha, ao morrer,
ouviu que dizia alguém:
— isto está de apetecer...
As ervilhas cheiram bem!

Pois ela, já na agonia,
no suspiro derradeiro,
murmurou: — Eu bem sabia
que era uma ervilha de cheiro.

Que feliz que deve ser
o que, no seu coração,
inda conserve, ao morrer,
a ilusão duma ilusão.



de fóra e Tobias-filósofo, com tóda a naturalidade, passou-lhe o sêlo de 40 centavos pela língua e colocou-o na carta, exclamando:

— «Sempre que rover, agora, como é que o seu marido dá cabo de todos os micróbios que a estampilha lhe deixou...»

Mas, passados três dias, Tobias-filósofo estava arrependido da partida que pregara a D. Felisberta, porque se sentia doente e precisava do médico. Não teve outro remédio senão mandar o seu criado Jerónimo chamá-lo. Jerónimo foi e trouxe o recado de que o doutor já vinha.

Tobias-filósofo dava ais e uis! em escalas cromáticas e Jerónimo instalou-se á sua cabeceira a consolá-lo.

O médico veio e, esquecido da partida feita à sua esposa D. Felisberta, observou o doente com o maior cuidado. Auscultou-o demoradamente,

tomou-lhe o pulso e mandou-o deitar a língua de fóra.

— «Nada, nada» — respondeu receoso o nosso Tobias.

— «O senhor eu preciso de ver a côr da sua língua!»

— «Nada, nada de graças — continuava a responder o Tobias amedrontado, lembrando-se da partida que o doutor há tempos lhe fizera e da que êle, por sua vez, pregara à D. Felisberta.

— «Ó senhor, que teimosia! Deixe ver a língua! Eu, para poder fazer o diagnóstico, preciso que o senhor deite a língua de fóra!»

— «Nada, nada, nessa é que eu não caio. (Virou-se para o criado e ordenou.)

O Jerónimo, deita tu a língua de fóra, por mim... e o doutor que faça o diagnóstico.

O doutor foi-se embora meio tonto

com aquela saída de Tobias-filósofo mas, antes de sair, fez-lhe muitas recomendações, receitou várias mesinhas e aconselhou-o a ir para uma estância de repouso. — «Você tem um esgotamento cerebral de tanto filosofar. Precisa do silêncio e tranquilidade duma estância de repouso. Isso vai fazer-lhe bem. Vá, vá para uma estância de repouso, para uma qualquer das muitas que há no país, pois o essencial é fazer repouso, repouso, Faça as malas e vá, vá.»

Tobias-filósofo mal ouviu o que o médico lhe prescreveu. O seu pensamento estava longe, embrenhado na solução dum problema. Mas, do que o médico lhe disse, alguma coisa lhe ficou e, no dia seguinte, lembrando-se das últimas palavras do médico, pegou numa maleta, numa cadeira portátil e

(Continua na página 7)



Como o diabo foi intrujado

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O senhor diabo andava passeando por essa terra fora. Ao passar por um campo, que uns árabes tinham acabado de lavar, o senhor diabo carregou o sobrólho, chispou lume pelos olhos irados e disse-lhes, com um humôr levado de todos os diabos:

— A metade do mundo pertence-me. Devo, portanto, receber uma parte da vossa colheita.

Ora os árabes — não sei se os meus amiguinhos sabem — são mais finos e astutos que as raposas matreiras.

Ao ouvirem esta disposição do senhor diabo, pensaram, matutaram e, por fim, responderam:

— Pois bem, seja assim! Receberás a parte que ficar debaixo da terra.

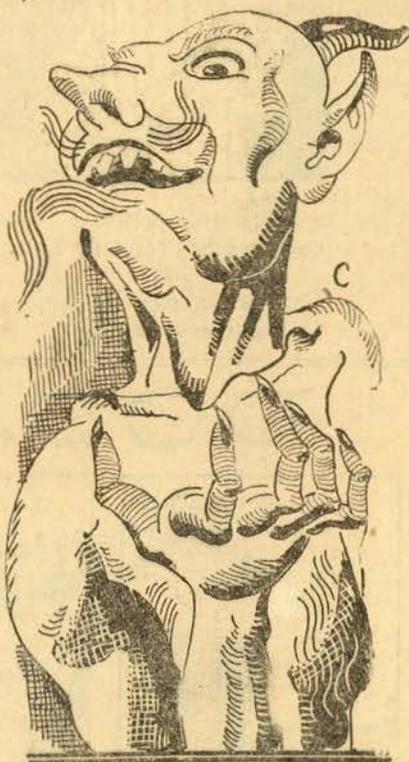
— Não! Não! — acudiu o senhor diabo, cada vez de pior catadura, batendo, com as patas felpudas, no chão, numa fúria endemoninhada, só própria dum diabo, diabólicamente furioso.

— Eu quero a parte que ficar fóra da terra! — determinou, deitando faúlhas pelos olhos vermelhos e pelas narinas dilatadas.

— Está bem! Terás o que pretendes. — responderam os árabes, com a maior calma. Então, semearam, no seu campo, nabos e batatas.

Quando chegou o tempo da colheita, recolheram o que estava debaixo da terra, que eram belas cabeças de nabos e grandes, sãs batatas e entregaram ao senhor diabo o que aparecia ao de cima: — a rama das batatas e dos nabos.

Não se descreve o ataque de mau gênio que se apossou do senhor diabo,



mesma época, voltou ao mesmo sítio, exclamando, enfurecido: — Desta vez, não me lograrão! É tempo de semear o campo e eu exijo a parte que ficar debaixo da terra.

Os árabes, sempre serenos, conferenciaram uns com os outros e, por fim, responderam: — Está bem! Terás o que desejas!

Então, semearam, no seu campo, trigo e cevada.

Quando chegou a ocasião da colheita, levaram a palha e o grão. O senhor diabo só ficou com as raízes.

Dizem, — não sei se é verdade — que a terra tóda tremeu com a cólera do senhor diabo, cólera tão forte, tão terrível, que as faiscas dos seus olhos incendiaram tudo onde pousaram.

E asseguram, também, que nunca mais o senhor diabo se meteu com nenhum árabe, gente de tal manha e esperteza, que nem um diabo lhe dava a melhor!

quando viu o engano em que caíra!

Nunca mais se esqueceu do precalço que lhe sucedera, sentindo-se vexadíssimo e no ano seguinte na



O MENINO FINO E O MENINO ORDINARIO

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

ERA uma vez um menino que tinha o nome de Mário... Não era rico, ao contrário de Pedro, um pequeno fino, muito rico e perdulário.

O Pedrinho, um certo dia, do Mário pôs-se a trocar, com toleima e soberbia: — «Tu, que não tens fidalguia, a mim te deves curvar.

Tu que és um pobre diacho, que tens uma reles cama e, em vez de baixela, um tacho, és tanto como o capacho onde limpo os pés da lama.

E assim, sucessivamente, com um ar autoritário, continuou, insolente, o pequeno fino em frente do pequenino ordinário.

Tudo, êste, calado, ouviu, por certo, com funda mágoa, mas, entretanto, sorriu



e altivamente partiu com os olhos rasos de água.

Caro leitor, meu menino, ao findardes o rosário

dêste conto pequenino, dizei-me: — qual era o fino e qual era o ordinário?

F I M

UM CASO que podia ser FATAL

Por JOSÉ JULIO VALÉRIO RODRIGUES

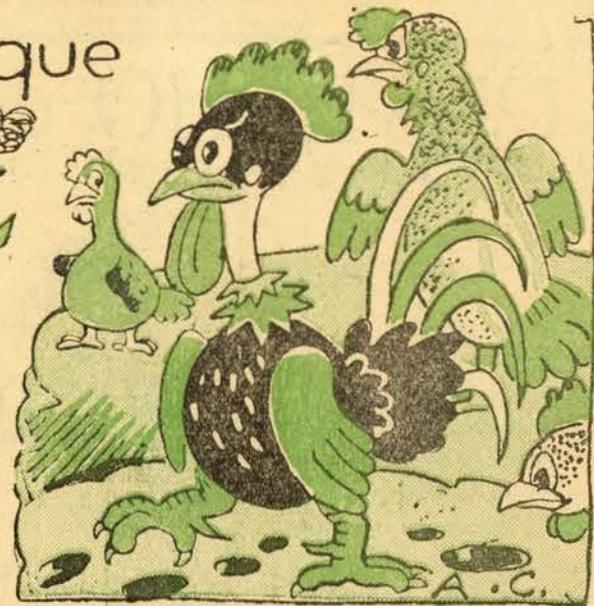
No quintal da senhora Antónia, com as suas dez galinhas, ostentando a vistosa plumagem, vivia um vaidoso galo, o «Cantaróla», como lhe chamavam as suas companheiras.

Tôdas as galinhas estavam convencidas de que o «Cantaróla» era o mais valente e arrogante do mundo. Mas... — há sempre um «mas» — o menino «Cantaróla» não vivia contente. A's vezes, quando as galinhas lhe pediam para cantar, êle, em vez de fazê-lo, dava mas era uma bicada em cada. E' que o «Cantaróla» já estava farto daquela vida, sempre prêso, sempre...

— «Ora eu — pensava o «Cantaróla» — com estas lindas penas que Deus Nosso Senhor me deu e com uma voz tão bonita, podia ter um lugar de grande destaque entre os da minha raça. Deixem estar que, quando eu apañhar uma ocasião, agarro-a com unhas e dentes e vocês verão para onde vai o «Cantaróla»!

Se bem o pensou, melhor o fez. Certo dia, indo a criada buscá-lo para o matar, por ser muito mau para a criação deu-lhe uma tremenda bicada e fugiu pelo campo fóra.

Finalmente livre! Andou, andou, até que foi para uma grande floresta. — «Isto é que me serve», per.sava êle.



Certo dia, estando o «Cantaróla» empoleirado numo cêpa, apareceu-lhe uma raposa tôda surrateira. Tôdas as aves fugiram e o «Cantaróla» tentou fazer o mesmo. Mas a raposa cortou-lhe os movimentos com êste gentil cumprimento:

— «Não fuja, senhor D. «Cantaróla»! Se eu soubesse que vinha incomodar, não tinha feito esta visita. Mas como todo o reino d'z que V. Ex.ª tem uma voz melodiosa, cheia de encanto, e garganta admirável, venho ouvi-la, pois sou uma

(Continua na página 8)

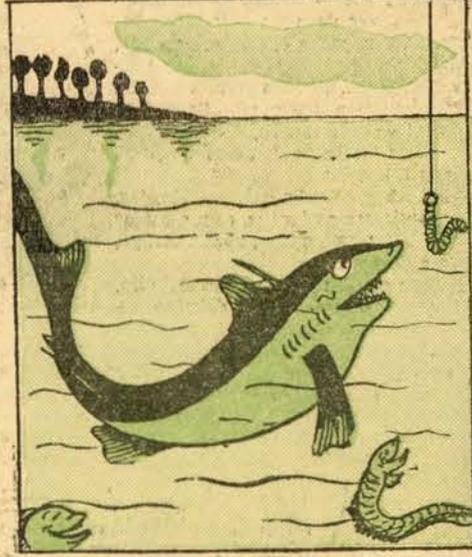
“ZÉ DOS ANZOS” vai pescar...



I — Zé dos Anzos vai pescar fanecas para o jantar. Ei-lo, já, de cana erguida, por sinal muito comprida.



II — Mas ai o peixe demora. Já lá vai mais duma hora! E em seu lânguido abandono, Já começa a sentir sono.



III — Mas ai, nisto grande peixe, para que êle não queixe e não fique cominha, morde a isca a linha...



IV — Puxa, puxa, puxa tanto, que o nosso heroi, entretanto, dando um tremendo mergulho, lhe vai parar ao bandulho.



V — Êste conto está conforme o velho e antigo rifão: — Quem guarda cabras, não dorme... Pois quem pesca também não.



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS—Por ABELHÁ MESTRA

ABELHINHAS:

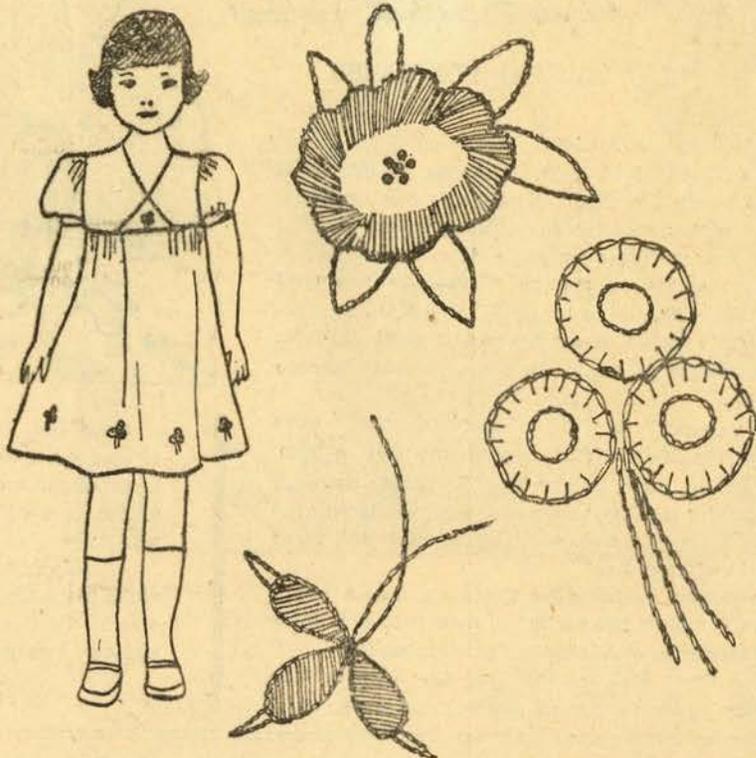
Com um só modelo, podeis fazer três «toilettes» à boneca. Assim acontecerá, variando a cor de cada uma e aplicando os bordados diferentes, cujos desenhos acompanham esta referência.

Os desenhos claramente vos mostram a maneira como são feitos.

Qualquer dêles ficará muito bem, quer assim bordados ou aplicados em outro tecido.

Já várias vezes tenho ensinado como se faz êsse trabalho, por isso espero que já o executem sem embaraços.

Também fica engraçado aplicando sobre a «toilette» umas florinhas ou outros motivos pequeninos de «cretonne», recortados, que se cosem com um ponto de recorte, em tôda a volta.



VOSSA ABELHA MESTRA

HORA DE RECREIO

SECÇÃO CHARADISTICA—N.º 26-III Campeonato

RESULTADOS DO N.º 20

DECIFRAÇÕES

1—Canhamço; 2—Caravels; 3—Vila-vila; 4—Confrontar-centar; 5—Cavala; 6—Remoto; 7—Ascensão; 8—Entrecasca; 9—Vila do Conde; 10—Casa sem mulher, corpo sem alma; 11—Paris; 12—Graclette Eranco.

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 6—Ailena—10 votos.
N.º 8—Alfredo Matos—7 votos.

N.º 5, de Adriano Reis, 6 votos; n.º 4, 4 votos; n.º 1, 3; n.º 2, 2; n.º 7 e 12, 1 cada.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Sandú, Adriano Reis, Nécas L. Mano, Tivorc, Martos, Pacatinha, Tomigas, Maridália, Alfredo Matos, António Freire, Carlos Figueiredo, Armandino, Sob-Chávena, Pimpim, Américo B. Fernandes e Artur de Melo

Cabral
(Totalistas)

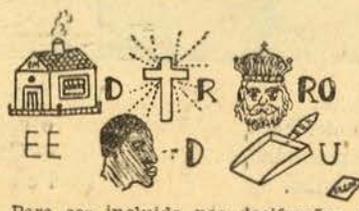
QUADRO DE MÉRITO

Rex, Nélio Arita, José Antunes Baptista, Homem-Sombra, Crisante Tabora, 11; Jorge A. Pereira, Carlos V. Sousa, Maria Alice Botelho Moniz, D. Bibas, Piroilto e Zé Fernando, 10; Bonina, Pipócas, Renato R. Paulo, Armando Jorge, Jaime Ferreira e Delca, 9; Zé, 8

CORRIGENDA

No quadro de Distinção referente aos resultados do n.º 19 (e não 9, como saiu), o ponto de «Zé Manel», classificado em 2.º lugar, é o n.º 2. O numero anterior de «Hora de Recreio», é o 25, e já faz parte do III Campinato.

ENIGMA PITORESCO



Para ser incluído nas decifrações do próximo número,

NOÇÕES DE CHARADISMO

(Continuação do numero anterior)

No final, o algarismo maior refere-se à decifração do primeiro conceito, sem a qual não se pode considerar decifrada a charada, e o segundo, de menor valor, à decifração do conceito mais curto. Pelo exposto, só a certeza desta não basta. Será, quando muito, um elemento as vezes precioso ao decifrador.

Outros exemplos:

Fachada.

Fachada = rosto; Fada = mulher formosa.

A frase poderá ser:

Tens um rosto próprio de mulher formosa! — 3-2.

Embaraçado.

Embaraçado = incomodado; embaçado = pálido.

A frase poderá ser:

Estás incomodado? Vejo-te tão pálido!... — 5-4.

(Continua)

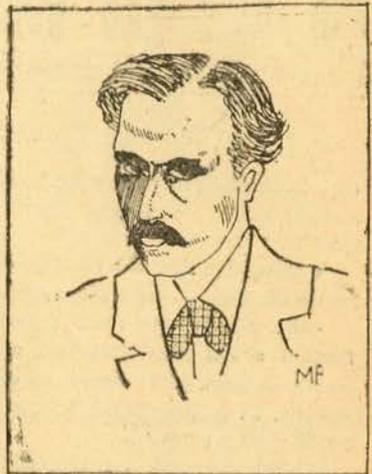
CONCURSO: -Grandes de Portugal



91



92



95

Oficial de Marinha,
Tinha à Pátria tal amor
Que por ela, até à morte,
Tudo lhe deu sem temor.

Enquanto governador
De Macau, nada mais fez
Do que fazer respeitar
Quanto fôsse português.

Porém, os maus mandarins,
Junto de um homem tão forte,
Calaram-se acobardados
Mas juraram sua morte.

E, um dia, vendo-o a passear,
Numa fúria desmedida,
Atacaram-no à traição,
Tiraram-lhe a própria vida.

Mas o seu nome de heroi
Brilha na História, imortal,
Pois éle salvou Macau.
Foi

Tão modesto como ilustre,
Nunca soube fazer mal.
Soube só criar amigos
E engrandecer Portugal.

Na África se internando
Os negros o respeitavam
E sempre que a bôca abria,
Com respeito o escutavam.

Jamais êle se cansava
De dizer que a nossa terra
Era a Pátria mais formosa
Que êste mundo em si encerra.

Mas quando, um dia, se viu
Vítima de vil torpeza,
Suicidou-se amortalhado
Na Bandeira Portuguesa.

E todos se comoveram
Ante tão ilustre morto.
Terá, pois, a glória eterna
O ilustre

Explorador devotado,
Nunca em nada mais pensou
Que em percorrer longes terras
Que o homem nunca pisou,

Para plantas e animais,
Não vistos, lá procurar
E depois as suas vidas
Com muito amor estudar.

Percorreu Angola tôda,
Em grandes explorações,
Consequindo, a pouco e pouco,
Preciosas coleções,

Que na Escola Politécnica
Inda hoje se podem vêr.
Estão no Museu Bocage
E olhá-las é um prazer.

Quási passou sua vida
Em terra de gente preta,
Sempre, sempre a estudar
O douto é famoso

Peripécias de Tóbias-filósofo (Continuado da página 2)

num livro de matemática e... toc, toc, aí vai êle...
Decorridos alguns dias, o doutor ia passando, quando viu Tobias-filósofo deitado numa cadeira, de maleta ao lado e um livro na frente. À volta um grupo numeroso de operários removia pranchas de madeira, outros serravam, martelavam e aplainavam. O doutor ficou muito intrigado. Já o julgava fóra de Lisboa. Deu-lhe curiosidade de saber o que faria Tobias ali. Avançou e interrogou:

— «Amigo Tobias, o que faz você aqui?»
— «Isso lhe pergunto eu!»
— «A mim?!?!»
— «Então não foi V. Ex^a que me mandou para aqui?»
— «Eu?!?!»
— «O senhor doutor, sim, senhor!»
— «Então eu mandava-o lá para um sítio tão barulhento!»
— «Nisso tenho eu estado a pensar! O senhor doutor a falar-me no sossêgo duma estância... Olha o grande sossê-

go! É como se estivesse no inferno!»
— «Homem, mas eu mandei-o para uma estância de repouso!»
— «O senhor doutor disse-me que fôsse para uma qualquer das muitas que há no país.»
— «Exactamente.»
— «Pois, e o que é isto senão uma estância de madeiras, onde eu estou a fazer repouso?»

(*) Ler o Pim Pam Pum! de 14 de Outubro de 1937

Um caso que podia ser fatal

(Continuado da página 5)

entusiasta admiradora de música e de canto. Também venho admirar a sua gentilíssima figura, — como não há outra igual!».

«—Não diga isso; são favores. — respondeu o Cantaróla, todo envidado. — Está enganada, minha amiga.»

—Se me permite fazer a mesma observação, que já fizeram e seu pai—exclamou a raposa—dir-lhe-ei que, quando cantar, deve cerrar os olhos por completo. Não imagina, D. «Cantaróla!» A sua voz será outra:—mais bonita, fresca e suave!...

«Cantaróla» caiu na ratoeira:—estendeu o pescoço, fechou os olhos e cantou com a sua voz rouca, desfalecida e tremida, um frouxo «quiquiriqui». Não acabou a cantiga. A raposa deu um salto, ferrou-lhe os dentes e levou-o.

—«Ai! minha querida casinha e amigas!... «Cantaróla» vai ser comido debaixo de qualquer árvore!...».

—«Não dizes mal e tem até muita graça!» disse-lhe a raposa, largando-o.



«Cantaróla», assim que se viu livre, deu uma rápida corrida e empoleirou-se numa árvore, de modo que a raposa não podia chegar-lhe.

A raposa viu o seu D. «Cantaróla» fugir-lhe, mas, reprimindo a ira e os nervos, disse, numa voz doce e encantada:

—«V. Ex.ª, a-final, duvidou das minhas intenções...»

—«Não perca tempo, minha querida admiradora, porque, de hoje em diante, cantarei ao pé das minhas queridas companheiras, mas com os olhos mais abertos.

E assim fez.

Quando lá chegou, todos ficaram muito contentes e disseram: — Olha o «Cantaróla» que já voltou!»

Só a criada é que não gostou da chegada do galo, porque ainda lhe disse: — «Deixa estar, meu marau, que não voltarás fugir!» De facto, nunca mais fugiu, porque, só então, reconheceu o bem estar e sossego que possuía. E hoje vive ainda em boa harmonia com todos.

■ ■ F I M ■ ■

